

MUSA PARADISIACA

MAURO CERQUEIRA

A reunião de trabalhos de Mauro Cerqueira (Guimarães, 1982) e da dupla *Musa paradisiaca* (Miguel Ferrão, Lisboa, 1986 e Eduardo Guerra, Lisboa, 1986) assenta sobre o interesse que estes artistas têm vindo a demonstrar por diferentes formas de narrativa. Os universos ficcionais que lhes servem de interruptor e contexto ancoram-se, no entanto, no real. São fragmentos de histórias e acontecimentos, filtrados e subvertidos pelos instrumentos e dispositivos com que vão construindo as suas poéticas, que vêm à superfície nas obras apresentadas. As diferenças entre as formas de entender a prática artística são, no entanto, evidentes. Enquanto Mauro Cerqueira utiliza uma acidez crua e claramente política, quer nas obras mais recuadas que estão ligadas a performances, quer nas telas mais recentes, os *Musa paradisiaca* operam como etnógrafos recolectores de mundividências das mais diversas origens a partir de processos performativos que, centrados na palavra partilhada e na narrativa, convocam inúmeras colaborações para os seus projectos.

Em ambos os casos, no entanto, a origem das peças, a sua arqueologia, só pode ser suposta, ou tenuemente a florada. Não há qualquer razão para que necessitemos de ter acesso a expilações para podermos compreender as poéticas que propõem: as obras são autoportantes e partilham uma determinada e assertiva monumentalidade, mesmo que a propósito do acaso, do acidente ou do irrisório. Ora essa monumentalidade, podendo ser irónica, nunca é cínica e essa é a segunda conexão a surgir a partir deste confronto. A recusa de uma razão cínica é fundamental, não porque os aproxime de qualquer forma de verdade ou autenticidade – não nos devemos esquecer que se trata de universos ficcionais –, mas porque o jogo de proximidades e distâncias mantém sempre um fascínio pelo acontecimento e um respeito pela fragilidade da vida.

Nesse sentido, e esta é a terceira conexão agora visível, a fragilidade só pode ser respeitada pelo fragmento e pela palavra, pelo seu eco ou pelo rasto de um gesto, o que é aqui verificável nas esculturas dos *Musa paradisiaca*, bem como nas palavras de ordem, nos equilíbrios precários e nos vestígios sobre tela de Mauro Cerqueira.



Mauro Cerqueira

—
Uma brecha no muro, 2008

Tijolos, madeira e ventoinha velha

Dimensões Variáveis

Por fim, a reunião destas obras permite compreender a importância das noções de comunidade e de experiência nestes artistas, significativas de um interesse pela materialidade e a imanência que, no entanto, não apaga a necessidade de recuperar para o campo artístico uma memória pré-estética e utopicamente não-mediada.

As obras dos *Musa paradisiaca* que se apresentam são peças que foram recentemente integradas na Coleção Cachola e que pertencem ao último núcleo de obras da dupla de artistas. São objectos escultóricos que configuram corpos a partir de troncos de azinheira, dos quais despontam cabeças realizadas em cola animal. O poder vernacular das imagens é oriundo da sua origem em personagens com que os artistas se cruzaram nos seus trabalhos de campo e que vieram a constituir uma galeria de fontes primárias das suas narrativas. Apresentadas pela primeira vez no CRAC Alsace – Centre Rhénan d’Art Contemporain na exposição *Alma – Bluco*, em 2015/16, fazem parte de um conjunto mais heteróclito de peças (nos mais diversos suportes) que constituíam uma metanarrativa ancorada nas histórias recolhidas em São Tomé e Príncipe e em resultado da cumplicidade com o escultor Tomé Coelho, que aí encontraram e com quem colaboram desde 2013. Os seus nomes remetem para pessoas existentes, metamorfoseadas em criaturas metamórficas, num jogo recôndito de remissões para as histórias individuais partilhadas que ficam, no entanto, num limbo nebuloso e só vagamente a florado. É dos olhares destas cabeças, da postura dos corpos acetinados de azinheira, que se pode libertar uma potência que parece vir de uma qualquer origem do discurso e do assombramento.

As obras de Mauro Cerqueira são oriundas de vários períodos da sua produção: a escultura que configura um pórtico encimado por uma ventoinha (*Uma Brecha no Muro*) recua a 2008, enquanto que a peça intitulada *Orrer Gue d Lutar* é do ano seguinte, tendo pela primeira vez sido apresentada na Galeria Nuno Centeno, no Porto. As quatro pinturas genericamente intituladas *Arrasto* são obras de 2012 e relacionavam-se com uma escultura de chão sob a forma de uma pele de cobra, remetendo para a ideia de rasto, ou de vestígio que permeia, sob formas diversas, todo o seu trabalho, aqui convertido numa tipologia reconhecível da História da Arte, a pintura sobre tela. A importância da palavra como marca remanescente é equivalente a estas marcas deixadas na tela, que recuperam um processo embebido na história das vanguardas e materializado em processos que são válidos enquanto procedimento remissivo, mas que ganham uma qualidade estética em si mesmos.

Do diálogo entre estas obras, silencioso e cheio de marcas de palavras, parece desprender-se uma possibilidade para uma arte ancorada no real e liberta do peso maneirista da metáfora.



Musa paradisiaca

Cantor – Caído / Singer – Recumbent, 2015

Musa paradisiaca c/ Tomé Coelho
Madeira de azinheira e cola animal
30 × 32 × 37 cm; 55 × 320 × 135 cm

Colina – Mamadeira / Milkmaid, 2015

Musa paradisiaca c/ Tomé Coelho
Madeira de azinheira e cola animal
33 × 25 × 28 cm; 57 × 220 × 110 cm

Coleção António Cachola

EM SAN
TANTO MORRER

23 PUNHO
IGUE DE
LUTAR.



Curadoria e Textos

Delfim Sardo

/

Coordenação

Gabinete de Comunicação e Imagem (Fidelidade)

/

Coordenação de montagem

António Sequeira Lopes

/

Montagem

Silvia Santos e André Tasso

/

Apoio

Museu de Arte Contemporânea de Elvas, MACE

/

Desenho Gráfico

Atelier Pedro Falcão

/

Obras pertencentes à Coleção António Cachola

/

7 Março → 22 Abril 2016

/

Chiado8 – Espaço Fidelidade Arte Contemporânea

Largo do Chiado n.º 8, 1249-125 Lisboa

Tel. 213.401.676

www.fidelidademundial.pt



ESPAÇO FIDELIDADE
ARTE CONTEMPORÂNEA

FIDELIDADE
SEGUROS DESDE 1808

MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE ELVAS



COLEÇÃO
ANTÓNIO
CACHOLA



Mauro Cerqueira

Nasceu em Guimarães em 1982. Vive e trabalha no Porto. O seu trabalho tem vindo a utilizar os mais diversos suportes físicos, desde o desenho, a escultura, a instalação, a performance e a pintura. Frequentemente as suas instalações, com um cunho político e vernacular, estão associadas a processos performativos. Também a criação de livros de artista, com uma forte tónica no uso do desenho, tem ocupado uma zona importante da sua actividade criativa.

Licenciado em Desenho pela Escola Superior Artística do Porto, tem vindo a expor regularmente em Portugal, onde é representado pela Galeria Múrias Centeno, bem como em Madrid, Berlim, Gent, Barcelona. Foi bolseiro, em 2012, da Fundação Calouste Gulbenkian, na Künstlerhaus Bethanien em Berlim. Tem participado em exposições em museus em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente no Museu de Serralves (Porto), Museu Coleção Berardo (Lisboa), Arts Santa Mónica (Barcelona), La Casa Encendida (Madrid), Caixa Cultural Rio de Janeiro, entre outros.

Da sua actividade destaca-se o envolvimento em espaços alternativos, frequentemente em parceria com André Sousa, nomeadamente o projecto *Uma Certa Falta de Coerência* (Porto).

Musa paradisiaca

Constituído por Miguel Ferrão (Lisboa, 1986) e Eduardo Guerra (Lisboa 1986), *Musa paradisiaca* é um colectivo artístico “baseado no diálogo” – como os próprios definem – que envolve um conjunto amplo de parcerias, individuais e colectivas, nas suas acções com pessoas oriundas dos mais diversos campos e assente na ideia de partilha de experiências pessoais. A performatividade das suas acções colectivas são o motor para um projecto que procura recuperar uma ideia originária de experiência pessoal e partilhável. A diversidade de meios e processos utilizados inclui o recurso a acções colectivas, emissão de *podcasts*, filmes, esculturas, instalações, desenho e qualquer processo que pareça adequado para a convocação de narrativas e o estabelecimento de campos comuns de experiência.

Com uma actividade iniciada em 2010, Miguel Ferrão e Eduardo Guerra são licenciados pela Escola de Belas Artes da Universidade de Lisboa, tendo ambos concluído o mestrado em Filosofia - Estética pela FSCH-Universidade Nova de Lisboa. Têm vindo a apresentar os seus projectos regularmente em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), Palais de Tokyo (Paris), Kunsthalle Lissabon (Lisboa) e, recentemente, no CRAC Alsace – Centre Rhénan d’Art Contemporain (Selestat, França).





MUSA
PARADISIACA
MAURO
CERQUEIRA